

## RETRATO DE UMA VIDA EM COMUNIDADE: O Relato de Si Ante a Duas Modalidades de Desenvolvimento

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2023.59.12946>

Submetido em: 12/12/2021

Aceito em: 15/9/2022

Guilherme Francisco Waterloo Radomsky<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo o tema do desenvolvimento é abordado considerando eventos e relatos da vida individual coletados em entrevista qualitativa. O estudo é oriundo de pesquisa realizada em 2003 em um pequeno município da microrregião de Montenegro, no Rio Grande do Sul, entre o Vale do Caí e a Serra Gaúcha. Foi privilegiado um único caso de entrevista para análise, e o objetivo principal é mostrar o engajamento ético individual por parte do entrevistado construído ao longo da vida junto a comunidade. Esta situação ocorre num contexto específico de entendimento a respeito de como o desenvolvimento precisa ser buscado e atingido. Os resultados do cotejo entre as abordagens teóricas e o material empírico sugerem que, ao relatar a si mesmo, é possível chegar aos confins nos quais a experiência individual se percebe, procurando, assim, dar conta de si somente por meio da relação com os outros, das memórias e das expectativas com os projetos de futuro organizados socialmente. Como considerações finais observa-se que, neste caso individual, existe um engajamento ético do sujeito com problemas do passado e do futuro da comunidade em que vive, especialmente mostrando que os processos de desenvolvimento obedecem a lógicas distintas e articuladas: uma que o entende enquanto um processo imanente de “progresso” no tempo e outra que supõe a necessidade de esforços individuais e coletivos de intervenção, correção e construção.

**Palavras-chave:** desenvolvimento local; indivíduo e sociedade; história de vida; comunidade.

### RETRATO DE UNA VIDA EN COMUNIDAD: EL RELATO DE SI MISMO ANTE A DOS MODALIDADES DE DESARROLLO

### RESUMEN

En este artículo, el tema del desarrollo es abordado a partir de hechos y relatos de vida individual recogidos en una entrevista cualitativa. El estudio proviene de una investigación realizada en 2003 en un pequeño municipio de la microrregión de Montenegro, en Rio Grande do Sul, Brasil, entre Vale do Caí y Serra Gaúcha. Se privilegió para el análisis un solo caso de entrevista y el objetivo principal es mostrar el compromiso ético individual por parte del entrevistado construido a lo largo de su vida con la comunidad. Esta situación se da en un contexto específico de comprensión acerca de cómo debe perseguirse y lograrse el desarrollo. Los resultados de la comparación entre enfoques teóricos y el material empírico sugieren que, al reportarse a sí mismo, es posible llegar a los límites en los que se percibe la experiencia individual, así el relato de si mismo solo se da a través de la relación con los demás, los recuerdos y expectativas con proyectos de futuro socialmente organizados. Como consideraciones finales, se observa que en este caso particular hay un compromiso ético del sujeto con los problemas pasados y futuros de la comunidad en que vive, mostrando especialmente que los procesos de desarrollo obedecen a lógicas distintas y articuladas: aquella que lo entiende como un proceso inmanente de “progreso” en el tiempo y otra que supone la necesidad de esfuerzos individuales y colectivos de intervención, corrección y construcción.

**Palabras-clave:** desarrollo local; individuo y sociedad; historia de vida; comunidad.

<sup>1</sup> Autor correspondente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociologia. Av. Bento Gonçalves, 9500 – IFCH, sala 209. CEP 91509-900. Porto Alegre/RS, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/9288994144974473>. <https://orcid.org/0000-0002-3756-4286>. [guilherme.radomsky@ufrgs.br](mailto:guilherme.radomsky@ufrgs.br)

**PORTRAIT OF A LIFE IN COMMUNITY:  
GIVING AN ACCOUNT OF ONESELF BEFORE TWO MODALITIES OF DEVELOPMENT**

**ABSTRACT**

In this article, development issues are approached considering events and narratives of individual life collected in a qualitative interview. The research was carried out in 2003 in a small village in micro-region of Montenegro, Rio Grande do Sul, Brazil, between Vale do Caí and Serra Gaúcha regions. A single case of interview was privileged for analysis and the main objective is to show the individual ethical engagement of the interviewee built throughout his life within the community. This situation occurs in a specific context of understanding about how development needs to be pursued and achieved. The results suggest that, as the narrative of life history is drawn, it is possible to reach the limits in which the individual experience is perceived, thus seeking to account for oneself only through the relationship with others, memories and expectations with collective future projects. As final remarks, in this case the subject is ethically committed with past and future problems of the community in which he lives, especially showing that the development processes obey distinct and articulated logics: one that understands it as a immanent process of "progress" in time and another that supposes the need for individual and collective efforts of intervention, correction and construction.

**Keywords:** local development; the individual and society; life history; community.

## INTRODUÇÃO

Na rotina dos pesquisadores em ciências sociais não é sempre que encontramos pessoas à vontade para falar e com domínio da palavra. Em investigações de campo muitas vezes é difícil escaparmos dos monossilábicos. Há casos especiais, porém, e Ronei era um destes. Na primeira vez que estive em sua residência logo percebi sua disponibilidade em me receber amavelmente e especialmente contar sobre sua vida e seu cotidiano. Ronei era professor de uma escola localizada na área rural num pequeno município da microrregião de Montenegro, no Rio Grande do Sul, entre o Vale do Caí e a Serra Gaúcha. Era também agricultor, e é esta sua inserção na vida do campo junto as suas atividades docentes que tornam o caso de pesquisa relevante, como espera-se poder mostrar ao longo das páginas que seguem.

Além de ter escolaridade razoavelmente superior à média da localidade, como é de se esperar de um professor vivendo numa comunidade rural do sul do Brasil, Ronei também tinha expectativas em me demonstrar sua capacidade de liderança. Numa das vezes em que estive no município, perto de sua casa tive um problema para realizar entrevista com um vizinho seu. Quando lhe contei, disse-me que se eu tivesse passado em sua casa antes a mediação teria sido feita. Ao longo dos dias presente na região percebi que fazia sentido o que dizia.

Quanto a Ronei, seu título universitário não lhe deslocava demasiadamente no interior da comunidade, embora seguramente o distingua; não lhe separava da cultura local-popular, ainda que fornecesse condições de acesso a outros conteúdos, domínio da palavra escrita e da matemática. A circulação de conhecimentos do que se pode chamar de eruditos e populares, usando as palavras de Ginzburg (2006) para a Itália do século 16, parece transitar em sua vida – observação com o devido cuidado para não parecer uma comparação histórica simples. As mudanças no espaço rural brasileiro das últimas décadas sugerem, entretanto, que tal processo de aproximação entre mundos do campo e urbanos pode ser cada vez mais comum, considerando especialmente o mundo rural como local de vida e de desejo de pessoas que poderiam deixá-lo (além dos que buscam o campo e são oriundos das cidades), mas não o fazem por razões variadas a serem discutidas também no texto.

Este artigo guiar-se-á em torno de períodos da vida relatados por Ronei e pelas relações que ele estabelece entre passado, presente e futuro, sempre abordando problemas do desenvolvimento. Embora possa parecer atípico, diferentes estudos sociológicos e antropológicos têm se organizado a partir de relatos e entrevistas de uma única pessoa. Situação especial neste caso, por trabalhar temas correlatos ao deste artigo, é o de Long (2001), que propõe análises sobre processos de desenvolvimento observando ações individuais em seus contextos. De Vries (2002) também enveredou por este caminho em uma discussão sobre política e mediação no mundo rural mexicano. Na antropologia não se pode deixar de mencionar o importante e simultaneamente controverso livro de Crapanzano (1980) sobre Tuhami; menos conhecido, mas que mencionarei adiante, é o trabalho de Pandian (2008) na Índia rural, igualmente focado no tema do desenvolvimento; e, no Brasil, alguns estudos de John Dawsey (por exemplo, DAWSEY, 2007) podem se avizinhar destas abordagens. Em sociologia, o estudo de Norbert Elias sobre Mozart (ELIAS, 1995), bem como o balanço que o autor realizou sobre a relação indivíduo e sociedade (ELIAS, 1994), são exemplares da importância da discussão, bem como o belo trabalho de Waizbort (2013) sobre Georg Simmel. Além de Ginzburg (2006), antes citado, historiadores também têm produzido estudos impressionantes nesta direção e um balanço das discussões entre os problemas do psiquismo e a história, tal como o de Dosse (2004), que é pertinente ao situar algumas questões. Na sociologia brasileira vários estudos têm sido realizados, em particular com foco em biografias e metodologias específicas para este tipo de investigação, tais como os de Santos, Oliveira e Susin (2014) e de Costa e Santos (2020). É claro que cada um destes trabalhos possui matriz teórica distinta, por isto mesmo não serão aprofundados aqui e mostram tão somente o quanto as ciências sociais contemporâneas se dedicam ao indivíduo.

Nesta análise, não seguirei os avanços obtidos por estudos biográficos em sociologia por ter um material menos propenso a este grau de objetivação metodológica como a forma proposta por Santos, Oliveira e Susin (2014). Como trata-se de entrevista realizada há bastante tempo e para a qual, à época, não havia a intenção de organizar desta maneira a análise, procedo nessa discussão a partir de algumas possibilidades que ela própria permite, particularmente como um relato de si (BUTLER, 2015), que é resposta à interpelação de um outro, o pesquisador. Nestas ocasiões de interpelação, afirma Butler (2015), o sujeito inventa ou constitui uma narrativa que talvez nunca tenha sido feita com esse contorno. Trata-se de um modo de responder a esse outro que indaga e assim se percorrem caminhos biográficos nem sempre claros mesmo para quem narra. Numa direção semelhante, Rose (2001) entende que é uma das maneiras de inventarmos nossos “eus”, tema que, na verdade, se tornou um imperativo das sociedades modernas e contemporâneas, em que o individualismo passou gradativamente a ter valor moral.

Importa ressaltar que não pretendo, portanto, reconstruir a vida nem inventariar a biografia. O procedimento buscado é parcialmente inspirado no que propôs Grimshaw (2020), particularmente diferenciando a história de vida do retrato, por sua vez retomando as indicações fornecidas por Crapanzano (1980). Retrato pode ser considerado resultado de um encontro entre pesquisador e pesquisado. Na organização do retrato não está dentre as metas catalogar todo o arco de vida da maneira como ele se desenrola numa cronologia, porém focar na forma como se constroem as subjetividades – diferente, assim, dos retratos sociológicos na abordagem de Lahire (2004). A análise articula-se aos acontecimentos de vida narrados por Ronei, sem, entretanto, desejar esgotar os processos biográficos que formam o sujeito. Nesse

ponto de vista, é de valia observar que Grimshaw (2020) mostra que nas últimas três décadas a preocupação com a subjetividade se torna mais expressiva em antropologia, particularmente em análises empíricas de casos individuais. Também, todavia, se considerarmos que apesar de sempre relacionar aspectos histórico-sociais a histórias de pessoas reais, não basta afirmar que tais pessoas são a expressão de culturas ou espíritos de época de uma sociedade, pois, para a autora: “os trabalhos recentes abordaram as complexas formas com que os seres humanos estão enredados no mundo da vida” (GRIMSHAW, 2020, p. 170). Quanto a isto, não difere tanto de certas preocupações sociológicas, pois bem mostra Assis (2021) que a experiência individual pode ser uma chave para compreender a vida social, isto é, pensar a singularidade sempre à luz de entender os processos para além do que seja restrito a ela.

Inicialmente estive na região durante um projeto coletivo no ano de 2001. Este estudo, entretanto, é oriundo de pesquisa realizada em 2003 numa comunidade desta mesma região, na Encosta da Serra, Rio Grande do Sul, localidade que fica cerca de cem quilômetros de Porto Alegre, a capital do Estado. Esta é uma região de colonização alemã no século 19, que se fundamentou na ocupação por meio da pequena propriedade rural e durante muitas décadas teve a economia baseada na agricultura. Como, contudo, trata-se de uma geografia com raras áreas planas (por ser subida da Serra), a expansão agrícola para diferentes regiões do Estado (e do Brasil) no século 20, com intensa mecanização, possibilitou a capacidade de concorrência destes agricultores nos mercados mais difícil. De outro lado, a proximidade com a capital e com a malha urbana de Caxias do Sul forneceu condições de o município entrar numa rota de industrialização, especialmente se considerarmos a semelhança com casos de industrialização difusa (RAUD, 1999) e busca de mão de obra disponível e pouco sindicalizada nos espaços agrários.

Como já rapidamente apresentada, a vida de Ronei, em seu relato, lembra situações de figuras-chave no espaço rural imbuídas de certa liderança; pessoas que Mendras (1978) denominou de notáveis das comunidades. Ronei é conhecido na comunidade pela longa história de esforço para o desenvolvimento local e regional; é, também, o que, com base no estudo recente de Watanabe (2017), poderíamos chamar de “pessoas modelos”. Neste estudo no Extremo Oriente, a autora mostrou uma série de procedimentos que certas organizações promotoras do desenvolvimento buscam construir: mais que criação de infraestruturas, transferência de tecnologias ou de saberes, trata-se de um “espírito”, uma forma de se comportar e ser frente ao mundo. Tornar-se um bom modelo para sua comunidade é, claro, algo que não por acaso se promove num mundo de valores neoliberais. O caso de Ronei, porém, não é exatamente este e recuperarei este debate adiante. Além disto, mesmo que imersos numa forma de ver o mundo ocidental que valoriza a construção de um eu independente e autônomo, há limites para o individualismo numa sociedade que, antes de tudo, é marcada por relações complexas de hierarquia e valores tradicionais; problema que, mesmo com distância cultural, não parece ser tão diferente do que mostrou Leal (2021) para a região do pampa gaúcho.

Tal como Velho (2003) formulou, é possível que estejamos ante a combinações de holismo e individualismo, com valores familiares, hierárquicos e comunitários, mesmo assim com projetos marcadamente pessoais, ainda que a fundamentação teórica de Velho (2003) esteja um tanto distante de parte da literatura mobilizada neste trabalho. Estes projetos são intersubjetivamente organizados, negociados socialmente e em família e sugerem que a relação

entre gerações é expressiva, tanto como memória e interpelação do passado para o sujeito no presente quanto nas relações de poder domésticas.

Pretendo sustentar que por parte do entrevistado há um engajamento ético individual construído ao longo da vida junto a comunidade. Esta situação ocorre num contexto muito específico de entendimento a respeito de como o mundo deve ser e, particularmente, como o desenvolvimento precisa ser buscado e atingido. Argumento que o caso mostra que o desenvolvimento é entendido combinando duas variantes: como um processo imanente e próprio da natureza humana, que se move em direção ao “progresso”, e como um processo de intervenção e correção de rumos, ou seja, a comunidade vivida é vista precisando incessantemente de esforços intencionais para alcançar tal desenvolvimento, especialmente se tais processos podem ser resultado de atores externos com vistas a transformar profundamente as estruturas econômicas regionais.

O artigo está organizado da seguinte forma. Após esta introdução, com a exposição dos objetivos do trabalho e dos procedimentos metodológicos da pesquisa, discuto, na seção seguinte, os aspectos teóricos que guiam a reflexão, estabelecendo as análises iniciais da narrativa. Na terceira seção alinho argumentos oriundos de determinados estudos sobre processos de desenvolvimento com os processos sociais encontrados no material empírico. A quarta seção volta-se aos problemas do futuro da comunidade, que remetem, também, a dilemas e perspectivas sobre o futuro do desenvolvimento e da agricultura da região. Ao final, na última seção, algumas considerações finais são apresentadas e as referências bibliográficas consultadas.

## RELATAR A SI MESMO E OS CONFINS DA EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL

Num trajeto de Nietzsche a Foucault, Butler (2015) escreve, inicialmente, que relatar a si mesmo envolve uma certa menção à ética, ao reconhecimento e à violência. Vejamos de que maneira. Apesar das relações de influência de Nietzsche em Foucault, o autor alemão demarcará, com primazia, o conteúdo violento, de obrigação, que alguém tem para dar contas ao falar de si, do que o filósofo francês tomará relativa distância. Para Nietzsche, é como se sempre estivéssemos diante de uma interpelação grave quando nos dirigimos à nossa própria história e, quem sabe, sempre seja essa a matriz do prestar contas de como foi a vida. Assim, porém, a reflexividade emerge como resultado de castigo e a necessidade de falar de si quando danos nos são infligidos ou ameaças são dirigidas por alguma autoridade – qualquer que seja. Aqui encontramos, contudo, um ponto de virada crucial, para Foucault, em sua fase voltada à subjetivação, particularmente em *O uso dos prazeres*, volume dois da *História da Sexualidade* (FOUCAULT, 1998), quando há a recusa da unilateralidade da cena da agressividade que se interioriza e o autor francês enfatiza como nos tornamos objetos de cultivo de nós mesmos na criatividade dos códigos de conduta (BUTLER, 2015). Uma das formas de organizar o argumento ao se apartar da cena da violência é também a relação que qualquer falante estabelece com aquele a quem se pode chamar de “tu”.

Novamente a relação com o “tu”, que Butler procura especialmente no diálogo com Adriana Cavarero, não se esgota no cinismo e no recalque, pois, embora o outro se coloque como alguém para quem o eu deva falar (e uma interação mediada por poder e violência sempre pode ocorrer), nos damos conta, num momento, que somos seres autonarrativos e que

existe uma ética no dirigir-se ao rosto do outro para falar de si. Apesar disso, as relações de poder parecem sempre gravitar em torno desses processos, trazendo dilemas para a análise. Antes de interpelar um outro sujeito, sou interpelado, problema que recorda o assujeitamento anterior à consciência do sujeito, e que Butler (2017) acresce à discussão levinasiana de que o eu é sempre um objeto de outro anteriormente para, então, poder, assim, constituir e ser si mesmo (BUTLER, 2015).

Todas essas manifestações implicam não apenas consciência e fala, mas diretamente o corpo. Diz a autora que o próprio corpo tem uma história que não é recuperável na narração, qualquer coisa que me escapa na minha própria história, o que sugere também algo emblemático:

Quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração [...] (BUTLER, 2015, p. 18).

Um prisma muito distinto e que se torna familiar pelo resultado que provoca, é o que encontramos na imagem que Benjamin (1985a) desenha de Proust, pois nos problemas referentes à memória, e ao lembrar nos limites da consciência, ele escreve: “As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falaram, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa” (BENJAMIN, 1985a, p. 46).

Assim, o entrevistado da pesquisa articulou muitas vezes a relação com memórias, com a comunidade que já existia antes dele<sup>2</sup> e, particularmente, com seu pai, fazendo uso do relato para sustentar sua forma de ver o mundo e a si mesmo. As narrações sobre si seguidamente deslizaram em direção aos outros implicados diretamente. Numa das primeiras indagações fiz menção aos pais, e suas investidas iniciais recorreram, de imediato, ao problema do progresso, da educação e do quanto as relações de autoridade familiar fundamentam muito do que nos tornamos e do que acabamos por escolher:

Meu pai era agricultor e tinha serraria. Mas o pai sofreu muito por causa da falta de cultura que ele tinha. [...] Não, ele não tinha cultura. Ele não se alfabetizou; aliás, ele autoalfabetizou-se. Aos 16 anos que descobriu que ele precisava disso, aí ele casou e veio morar aqui. Ele era natural de Júlio de Castilhos. E o problema que ele teve para se alfabetizar, imagina, autoalfabetizar, foi um caos. Ele transferiu pra nós. Quando nós crescemos ele preferiu, de uma ou de outra forma, tirar nós daqui e levar para o colégio de padres. A gente se formou em colégio de padres. E os onze filhos dele ele fez com que saíssem daqui e fossem se formar fora; o único que ficou fui eu, os outros dez irmãos moram em Porto Alegre, Pelotas, Brasília; estão todos formados (Ronei, entrevista).

Ele e todos seus irmãos estudaram. O pai considerou isso fundamental para ter uma vida melhor. Então, certos esforços eram poucos comparando-se com as possibilidades deles advindas, particularmente relacionado à referência “não ter cultura”, um registro importante para mostrar a sensação de vazio que o progresso individual e o desenvolvimento da

<sup>2</sup> O conceito de comunidade não será explorado em suas acepções sociológicas neste trabalho. A investigação filosófica de Esposito (2003) sobre a origem da comunidade é exemplar para compreendermos as relações de autoridade e dádiva, pelo menos para o Ocidente, pois sublinha a dívida que todos temos ao comum que nos acolheu. Para uma discussão etnográfica recente, ver Paredes Peñafiel e Radomsky (2021).

comunidade suprem. Cabe registrar que entendemos muitos aspectos da vida do entrevistado se remetermos para tempos em que era seu pai quem comandava os negócios:

Hoje [na época da entrevista], o pai é velho, tem 80 anos; hoje ele é aposentado e se aposentou como dono de serraria. E nós nos formamos no colégio de padres [...]. A ideia do pai era essa: não quero que meus filhos sofram o que eu sofri. Porque a agricultura, na época... e aqui a agricultura não tem mecanização [...]. E como é muito difícil trabalhar nas encostas, não havia como produzir e revender, a quantidade era muito pequena. Aí mal e mal a gente sobrevivia. E aí, na verdade, quem nos salvou nessa história foram os jesuítas, e nós conseguimos um espaço no colégio de jesuítas que hoje está fechado [...], lá a gente estudava cinco horas por dia, trabalhava mais quatro e pagávamos nossos cursos com trabalho (Ronei, entrevista).

Sem dúvida, havia algum sofrimento. Sofrimento este que seria possivelmente compensado no futuro, portanto era presente um imaginário que vinculava o processo do fazer a um esforço que se impõe como necessidade sobre o sujeito. No trecho supracitado vemos que estudar para avançar na vida é crucial. Ainda nesse trecho, porém, alia-se também um discurso que remete à ideia de “construir as coisas do nada”. Isto é relevante, pois revela uma partilha cultural das regiões de colonização alemã e italiana no Sul do Brasil que se apoiam nos feitos dos antepassados como aqueles que fundaram uma civilização onde somente havia mato. Personagens culturais e históricos, nomeados de “pioneiros” ou “desbravadores”, aparecem na literatura sobre o tema (FARINA, 1992; CORTEZE, 2005) e são lembrados em diferentes ocasiões, o que nos fornece ainda mais pistas para refletir sobre a magnitude dos processos de desenvolvimento como aqueles que constroem um mundo onde supostamente não havia “nada”<sup>3</sup>. O mesmo problema é destacado a seguir:

[o pai] trabalhou primeiro com o sogro numa fábrica de queijo... eles produziam queijo para uma empresa de Porto Alegre. Isso foram... o quê? Uns 12 ou 13 anos que o pai trabalhou junto com o avô, mas isso era do avô. Enquanto isso, ele sustentava a agricultura dele. O pai era empregado do avô e ao mesmo tempo era agricultor. Depois que o avô morreu e foi dividida a propriedade dele, o pai ficou sem nada, no caso a fábrica, e as terras não davam mais, porque ele utilizava na agricultura as terras do avô e as próprias terras, então não tinha mais espaço para produzir bastante. E aí que surgiu a ideia da serraria. No começo foi um caos, também, porque não havia como revender a madeira. Então, ele serrava a madeira só para o pessoal daqui, pra fazer paiol. Ele tinha a serraria há uns quatro anos, aí surgiu o mercado de calçados de madeira. Quando, por 1968, mais ou menos, aí a madeira mole, de cera, a canela preta era utilizada para fazer a sola dos calçados das mulheres e [...] hoje não se usa mais, é tudo sintético. E aí nós tirávamos a madeira e vendíamos. Era um bom mercado e, a partir daí, a serraria cresceu (Ronei, entrevista).

É claro que está em questão o efeito que os relatos de dificuldades da vida exercem sobre as gerações presentes e futuras quando se reflete sobre o passado. A cada vida individual parece possível reviver o mesmo problema do sofrimento e sua superação, mesmo que o contexto histórico seja distinto, uma repetição de fala se intromete nestes relatos de si.

Cabe mencionar que a literatura sociológica sobre cursos de vida sugere que existem determinados momentos das biografias que, geralmente, os narradores tomam como pontos

<sup>3</sup> Diversos estudos históricos e arqueológicos têm mostrado que o vazio jamais existiu, uma vez que os diferentes agrupamentos indígenas ocuparam e circularam pelos territórios do sul do Brasil há milhares de anos.

de transição de curso (GUICHARD *et al.*, 2013; ver também outro ponto de vista em TURNER, 1986). Em geral são momentos em que as pessoas demarcam inflexões: formatura na escola ou outra instituição educacional, casamento, primeiro emprego, nascimento de filho e outros. O trecho a seguir revela alguns detalhes acerca disto.

[*Pesquisador*] – O senhor trabalhava junto?

– Quando eu estava em casa sim, de noite. De dia eu estudava; naquela época comecei a sair do colégio de padres [...]. Aí eu fui estudar o segundo grau na sede [municipal] e lecionava como professor contratado com 14 anos de idade [numa escola de comunidade rural]; fazia segundo grau [atual Ensino Médio], dava aula e de noite eu voltava... às seis, seis e quinze. Aí meu mano mais velho, que trabalhava com o pai, saía da serraria e eu entrava [pausa em silêncio], só que aquilo trabalhava como uma Maria Fumaça... Trabalhava 24 horas por dia. Era o pai, o mano, eu e mais um empregado. Um trabalhava de manhã, um trabalhava de tarde e os outros dois trabalhavam à noite (Ronei, entrevista).

Durante todo este período a serraria da família combinava-se com a agricultura na propriedade, mantendo cultivos e criações. Percebe-se, porém, que a agricultura, aos poucos, não consegue se manter enquanto atividade econômica principal tanto da família quanto da região. Outras regiões de geografia mais aptas à mecanização e à modernização da agropecuária despontam, e se tornam fundamentais outras estratégias para o lugar, sempre a partir da chave de que as condições do momento precisam ser superadas por melhores.

Eu creio que a partir dessa época, também, foi quando o meu pai se tornou vereador em 1972, eleito aqui pela comunidade. O pai era muito amigo de todo mundo, e aí a Prefeitura começou a trabalhar em cima de indústria, a procura de indústria que pudesse vir para essa região para conseguir emprego, porque a região era muito pobre. Comparativamente a hoje, não dá pra comparar, imagina assim: no meu tempo de primário, ir para a escola se ia de pés descalços com um caderno só. Eram 140 alunos numa sala de aula e um professor só. Então era bem pobre. A cultura era mínima (Ronei, entrevista).

Muito recorrentemente os relatos de vida mesclam processos sociais ocorridos com divagações interpretativas, tais como o trecho supra, que, depois de articular o problema da necessidade de ter indústrias, recorre novamente à reflexão sobre pobreza e “nível intelectual” socialmente partilhado na época. Parênteses interpretativos do próprio ator social são evitados nos procedimentos metodológicos de Lahire (2004), por exemplo, também focado em história de vida individual. Sugiro que, no caso aqui em questão, a reflexão do entrevistado é produtiva porque expõe valores, dilemas e intenções. Vemos, assim, como um sistema de relações articula-se entre pobreza econômica, cultural, necessidade de transformar a comunidade e também de dar inclinações à trajetória individual para organizar produtivamente a vida. Vale ressaltar que no trecho citado anteriormente é possível ver com mais clareza quando problemas da esfera privada (ou doméstica, familiar) se alinham a condições coletivas ou públicas. A sensação de pobreza e dificuldades de alfabetização ou prosseguimento dos estudos entre os filhos encontra conexão com a necessidade de superação do atraso socioeconômico da sociedade. Também é de se observar que pobreza e cultura são associadas para o entrevistado.

Conforme Guichard *et al.* (2013), as pessoas tendem a rememorar eventos no interior de certos domínios da vida (casamento, trabalho, estudos). No caso de Ronei, geralmente seu relato recupera atividade laboral e estudos. Sendo professor – além de agricultor –, esta relação torna-se ainda mais enfatizada, pois lhe permite falar tanto dos eventos da vida que foram

relevantes para sua trajetória quanto articular determinados problemas pessoais àquilo que se passou na história do coletivo. Seria quase dispensável reafirmar que os relatos são seletivos, tais como as memórias.

Os padres jesuítas sempre mantinham amizade com o pai. O pai tem um mano que é padre jesuíta e o pai procurou esse mano para ver, dentro dos limites financeiros que a gente tinha, pra gente começar a estudar com os padres. Havia sim a intenção de ser padre também, não só aproveitar-se dos padres, tanto que tenho um mano padre. E esse mano (o mais velho) foi [o primeiro a ir] para o colégio dos padres. E ele trazia de lá todas as novidades que a gente não conhecia. E ele mudou a família toda. Acabamos, então, os cinco manos mais velhos, um em seguida do outro, indo para o mesmo colégio [...] Em casa era assim: a gente chegava da escola – como professor ou estudante –, tirava a roupa de estudante ou professor e pegava a enxada e ia trabalhar ou ia para a serraria. [...] Então, de manhã a gente sentava na roda do chimarrão – com dez anos tomava o chimarrão com o pai (quando não havia estranhos em casa) –, e aí ele dava o serviço para cada um. Tinham filhos que iam para roça lavar, filhos que iam fazer pasto para o gado que a gente tinha, os filhos que iam para a serraria, então era uma forma bem organizada. Havia os filhos que ficavam em casa e cozinhavam, limpavam e mais o empregado que acompanhava. O empregado sempre era uma pessoa mais velha e acompanhava esses serviços para a gente não fazer bobagens (Ronei, entrevista).

A narrativa pessoal tem dupla organização: sempre surge da experiência e é igualmente constituinte da experiência, pois, além de produzir uma condição de nos apreendermos no mundo, ela traduz a maneira de mediar nosso envolvimento com esse mesmo mundo (OCHS; CAPPs, 1996). É possível considerar, a partir do relato até aqui exposto, que a incorporação da disciplina e os anseios de um autogoverno estão relacionados no curso de vida do entrevistado. Talvez justamente neste espaço a subjetividade apareça tal como uma referência a si próprio enquanto ser autônomo. Um dos aspectos a serem destacados neste artigo é essa intersecção entre governar uma realidade externa (humana e não humana) e também um domínio interior ao sujeito, tal como Pandian (2008) observou a partir da leitura da obra de Michel Foucault. Governamentalidade, segundo o autor, aparece por meio desta articulação entre domínios do poder e da ética, e esta propensão a considerar a reflexividade e a prática sobre si mesmo precisa ser destacada, questão que conhecemos desde os últimos cursos de Foucault<sup>4</sup>.

## O desenvolvimento em duas modalidades

O meu pai, apesar de não ter uma formação cultura comparada com a de hoje, foi sempre um homem de visão aberta. Das grandes transformações na comunidade o pai participou. E continua atualizado, continua sendo assim uma pessoa de visão muito aberta. E o progresso, a visão de progresso que o pai tinha, nós mantivemos, em busca de alguma coisa melhor. Não para nós, somente para a família, mas a busca de uma coisa melhor para

<sup>4</sup> Sem alongar um debate já conhecido, governamentalidade foi trabalhada por Foucault em sua última aula do curso de 1977-1978, na qual o filósofo afirmou ser “o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 2008a, p. 143). No curso seguinte, Foucault (2008b) passa a trabalhar de modo mais amplo a partir da compreensão de modos de conduzir condutas humanas. É no início dos anos 1980 que testemunhamos uma ênfase a respeito das formas de reflexividade e trabalho sobre si próprio (FOUCAULT, 2006, 2010), tema de Pandian (2008).

todos os que vivem conosco. Isso foi sendo levado não só pela nossa família, mas um grupo de famílias que sempre trabalhou para tentar mudar a comunidade. Ou, digamos assim, não deixar que ela afunde, ela desapareça. Paramos durante 20 anos porque criamos um grupo de pessoas que fugiram, e isso causou êxodo na comunidade. Quase todos os jovens da minha época se formaram ou em curso de Magistério ou curso de padres ou advogado, porque era um grupo todo que tinha as mesmas ideias. E esses jovens foram embora (Ronei, entrevista).

Durante sua pesquisa em uma localidade rural indiana, Padian (2008) escutou, muitas vezes, de seu mais frequente interlocutor (Jegadisan): “Irei eu desenvolver na vida?” Curiosamente, afirma o autor, apesar da “morte do desenvolvimento” pregado por alguns, este continua sendo objeto de desejo. Veja-se que na frase de Jegadisan, supra, citado por Pandian (2008), ele próprio é estranhamente sujeito do desenvolvimento e objeto de si. Assim, para o autor a questão é remeter essa interpretação local a uma natureza que é humana, ou seja, além de as pessoas terem de se submeter a um domínio de poder, a vida humana é constantemente vista como que necessitando de trabalho para superar os seus limites e atingir propósitos<sup>5</sup>. Em pesquisa nos Andes peruanos, De Vries (2013) também analisou um problema semelhante, porém com mais propensão a pensar o esforço do melhorar a conduta humana por vigilância comunitária compartilhada no coletivo. Se desenvolvimento pode ser entendido como um conjunto de processos de indução de transformações usualmente realizado por agentes externos a tal meio, também faz sentido refletir acerca dos âmbitos de autogoverno e conduta. Trata-se de ampliar o escopo do que é o espaço do desenvolvimento para incluir um “telos moral no qual indivíduos e coletivo dirigem a si próprios por meio de um retrabalho crítico sobre suas naturezas” (PANDIAN, 2008, p. 164). Os processos de educação e inculcação por parte de lideranças e experts não deve ser subestimado, tema também de Watanabe (2017), que sustentou igualmente a ética de ser uma pessoa modelo para o desenvolvimento a partir de políticas de organizações internacionais.

No caso em tela nesta pesquisa, compreende-se que não é a natureza humana isoladamente que precisa que se empreendam esforços, porém também a comunidade como lugar público, e que progride por meio de ações internas e externas. Cada vez que Ronei enfatizou a importância de indústrias ou iniciativas de grandes empresas, ele estava imaginando essa forma de ação que tem o poder de retirar a comunidade da estagnação. É relevante entendermos, porém, que tal concepção é duplamente orientada: na mesma medida em que intervenções são fundamentais para fazer a sociedade se transformar em direção ao progresso, igualmente o desenvolvimento é uma expressão mesma de pensamento e conduta das pessoas no cotidiano, ou seja, uma forma de entender o mundo cuja construção histórico-social é muito mais antiga. Com essas duas possibilidades analíticas, estamos diante do que a literatura especializada denomina de desenvolvimento enquanto intervenção e desenvolvimento como um desdobrar imanente de mudanças na história (OLIVIER DE SARDAN, 1995; MOSSE, 2005; THOMAS, 2000).

<sup>5</sup> Ainda que pudéssemos considerar, com Sennett (1995, p. 118), que “[a] noção segundo a qual os seres humanos têm um direito à felicidade é especificamente uma ideia moderna e ocidental.” Além de ocidental, portanto, é também um problema histórico que nem sempre foi compreendido dessa forma, especialmente levando em conta a vida individual e o que o mundo nos reserva. A singela anotação de Benjamin (2009), numa das versões de *Paris, capital do séc. XIX*, diz muito: “No reinado de Luís Felipe, o homem privado fez sua entrada na história”. Sobre mundo privado e interioridade, a exposição de Waizbord (2013) sobre o problema na história alemã e no pensamento de Simmel é exemplar.

Em termos mais claros expostos e discutidos por Lewis (2019), que faz um apanhado detalhado deste debate entre diversos pesquisadores, temos: “desenvolvimento enquanto *algo que é feito* (e, portanto, envolve intenção e escolha) e desenvolvimento como *algo que acontece* (ocorrendo de acordo com algum tipo de lógica predeterminada *ex ante*)” (LEWIS, 2019, p. 1.957 – tradução do autor e itálicos no original).

Sucintamente, pode-se afirmar que certos pesquisadores se apoiaram mais em demonstrar que a história dos processos de desenvolvimento é tributária de um (ou mais) momentos de mutação na qual as formas de intervenção no corpo social se tornaram mais enfáticas, sistemáticas e parte das estratégias de governo (seja com políticas de combate à pobreza, seja com grandes planos desenvolvimentistas). Outros autores procuram situar o desenvolvimento enquanto uma longa história de progresso ou, o que não difere muito, utilizar a ideia de desenvolvimento imanente para se referir aos processos de transformação incessante – com eventuais rupturas mais dramáticas – no capitalismo. A literatura em ambos os casos é imensa e não será citada, mas registra-se que autores e autoras já mencionados (ou a serem referidos adiante) aqui são referências importantes para o assunto.

O recente trabalho de Lewis (2019) é perspicaz ao mostrar que tais relações não são sempre antitéticas e que nos processos sociais e econômicos modos de intervenção são organizados em meio aos elementos da própria natureza de mudança social no capitalismo, no seu próprio desdobrar de acontecimentos. Novamente é um *telos* moral que se conecta a um princípio de domínio do social e que produz intervenções na realidade a fim de transformá-la a partir de uma meta antecipadamente planejada, portanto articular as duas maneiras de pensar o desenvolvimento permite não eclipsar qualquer dos dois modos. Até mesmo políticas locais ou regionais – e também políticas públicas em geral – podem ser entendidas não somente como impostas a um grupo e ter caráter instrumental de governo dos outros – como eventualmente têm –, mas são negociadas numa arena de disputas e conflitos pelas maneiras de introdução e operacionalização.

O relevante do debate travado por Lewis (2019) é que quanto mais os processos de busca por desenvolvimento estão incorporados ao modo de ser das pessoas, mais as intervenções podem se tornar naturalizadas e especialmente vistas como benéficas para o corpo social; e o inverso também é verdade, mostrando o fluxo de mão dupla e uma espécie de “jaula de ferro desenvolvimentista”. Ronei prossegue na entrevista:

Então nós paramos durante uns 16 ou 17 anos; a comunidade estagnou. Eu diria assim: que a partir de 1994 ou 1995 nós começamos a perceber que se não fizessemos alguma coisa a comunidade toda pararia. Aí se trouxe a [empresa agroindustrial de integração com criadores]<sup>6</sup> para cá (eu não participei) e começou a se implantar a avicultura. De repente você vai entrevistar famílias que hoje trabalham com a avicultura. E isso trouxe um novo alento. Esses agricultores que são associados à [agroindústria] começaram a produzir pintos e porcos. Eles estão bem hoje, superaram todas as expectativas que se tinha, e eles têm uma estabilidade de renda (Ronei, entrevista).

Ele comenta, ainda, que durante esse período de importante formação educacional da comunidade uma das consequências foi o êxodo rural, embora tenha dito que tem notado

<sup>6</sup> Opta-se por não mencionar o nome da empresa.

certo retorno ou crescimento demográfico da comunidade muito recentemente, observando a construção de casas novas e jovens casais vivendo no campo. É claro que a contradição é real: quanto mais condições de estudo para os jovens, mais facilidades para abandonarem a comunidade vai existir, por se abrirem diferentes opções de carreira profissional. Esse, porém, é um assunto ambivalente em suas falas, uma vez que na relação com os filhos o dilema aparece. Ambos decidiram não seguir com atividades agrícolas nem em empregos em fábricas, apesar de elas serem cada vez mais comuns no período e consideradas ótimas opções para o entrevistado.

Eu com os meus filhos ainda mantenho essa relação assim: eu acho que meus filhos têm que sair daqui, porque a gente não tem curso superior que permita fazer uma escolha profissional adequada. Existe transporte para levar os nossos alunos às universidades, mas todo esse transporte é destinado à formação pedagógica, só cursos pedagógicos. E o custo é muito alto. E como os meus filhos optaram por mecânica, gostam da área técnica, da área mecânica, eles acabaram pedindo para mim: “pai, nós queremos sair daqui, nós não queremos ser professor e outra possibilidade não tem”. Então, combinamos assim: foram fazer vestibular na escola federal (ensino técnico). Conseguiram passar, felizmente. O mais velho já se formou [...], hoje ele é técnico em plástico, trabalha numa multinacional e está fazendo faculdade também numa escola federal. O segundo está fazendo o segundo grau, o mesmo curso técnico [do primeiro] (Ronei, entrevista).

Assim, o desenvolvimento apresenta sua face curiosa, em que o desenrolar dos fatos e eventos pode gerar consequências imprevistas e é da dinâmica do capitalismo que isto passe a ocorrer. Por mais que as tentativas de governo da realidade existam<sup>7</sup>, também se constituiu no mundo em que vivemos uma compreensão, particularmente de extração liberal, de que a sociedade têm uma naturalidade específica que não deve ser demasiadamente regulada (FOUCAULT, 2008a, 2008b).

Retomando alguns aspectos anteriormente argumentados, é possível ver aqui os limites da constituição do eu para o qual evidentemente se espera que esteja ficando claro que atuam expressivamente também os esforços de desenvolvimento. Nesta imperiosa “invenção do eu” que vivemos (ROSE, 2001), o sujeito coloca-se constantemente entre duas gerações: a de seu pai e a de seus filhos. O relato que dá conta de si, portanto, pode-se perceber observando fatos do passado; não é marcadamente neoliberal tal qual se observa em outros contextos. As preocupações com o mundo público comunitário e os anseios de desenvolvimento regional são expressivos; assim também são as relações de hierarquia familiar e disciplina, mesmo que possamos compreender tudo isto em meio a relações de autogoverno e criação de planos pessoais.

Falar do eu é estar neste entremeio, pois, talvez, seja uma maneira relacional de estabilizar sua própria constituição enquanto sujeito. Por mais que possamos interpretar sua fala enquanto localizamos o indivíduo no diagrama das relações de poder, possibilidades de construção de si emergem e, com elas, projetos de vida que podem ser administrados. Sujeito, assim, vem a ser um processo autorreferencial de constituição, uma vez que “[N]ão há, pois, um

<sup>7</sup> Em geral, refere-se, assim, a uma realidade propriamente social. Cada vez mais estudos vinculam tal problema ao controle da natureza. Uma reflexão surpreendente é realizada por Lepenies (2018) ao associar a invenção da perspectiva linear na arte e na arquitetura com a separação sujeito e objeto e com o governo geométrico e matemático do mundo, com consequências, em sua análise, até mesmo para o que tem sido chamado de antropoceno. Sobre os números como forma de governo do mundo, Camargo e Daniel (2021) fazem uma importante e atual síntese do debate.

---

sujeito antes da relação consigo e do uso de si: o sujeito é essa relação, não os termos dela” (AGAMBEN, 2017, p. 125).

### O futuro no passado... e além

Não restam dúvidas de que, para Ronei, o futuro do campo e da comunidade em que vive, cuja economia é um tanto entremeada com aquilo que chamamos, talvez inadequadamente, de “urbano-industrial”, entrelaça-se com processos mais amplos (do que meramente agrícola) de desenvolvimento realizados intencionalmente e por esforços individuais e coletivos. A indagação, a seguir, sobre o futuro na perspectiva do entrevistado foi bastante esclarecedora.

[Pesquisador] – E, de maneira geral a respeito do que conversamos, como o senhor vê o futuro?

– Eu diria assim: a agricultura associada às empresas ela vai sobreviver com tranquilidade, por que esses agricultores que se associaram com [duas grandes agroindústrias de integração], com as empresas que recolhem o leite, eles vão sobreviver e vão se dar bem. Eles vão se tornar empregados dessas empresas, associados às empresas, empregados das empresas como já são. A agricultura vai desaparecer com certeza, no geral, assim; a agricultura independente, a agricultura do agricultor só agricultor já está desaparecendo. Não há como sobreviver na pequena propriedade dentro do sistema atual da economia brasileira; não tem possibilidade nenhuma. A perspectiva para nós é que essas empresas se mantenham, se fortifiquem e se aproximem de nós. É a nossa perspectiva de desenvolvimento e é a nossa busca também. Eu, como um dos pequenos líderes da comunidade, há anos eu busco uma empresa que se instale aqui, há anos a gente trabalha em conjunto para conseguir asfaltar essa ligação [aponta para a rua] que seria o nosso futuro. E há uns dez anos a gente trabalha em conjunto para manter os jovens aqui como moradores. Já com uma formação boa hoje, eu poderia dizer que os nossos jovens entre 20 e 30 [anos de idade] todos têm formação de segundo grau; grande parte deles está em curso universitário, como meus filhos estão. E aí, a gente conseguir montar uma pequena cidade que seja meio agrícola, que ainda tenha aquela produção familiar de alimentos necessários, de frutas, legumes; mas não vai mais existir o agricultor [independente]; a agricultura vai ficar como uma forma de sustento saudável, eu diria assim. A gente vai tentar produzir alimentos mais saudáveis; já se está tentando. Esses agrotóxicos, para nós, não há interesse nenhum., Então seria assim uma agricultura só familiar de sobrevivência, de alimentação familiar. E o trabalho se tornaria operário para todos nós (Ronei, entrevista).

A forma como fala do grupo e também de suas ações curiosamente se mesclam. Isto, todavia, não deve nos surpreender demasiadamente, pois se concebe, dessa maneira, a forma de autorar uma experiência, nos termos de Agamben (2005). Após uma digressão benjaminiana sobre a perda da experiência cotidiana, o autor italiano observa que a “[...] experiência tem seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade” (AGAMBEN, 2005, p. 22-23). Poderíamos reverter o problema para sustentar que nessas condições aqui descritas conhecimento e experiência organizam-se mutuamente (importam o vivido e o acumulado). Tal problemática emerge porque apreendemos o processo na medida em que o entrevistado fornece exemplos claros de sua experiência e seus saberes vivendo na comunidade. Experiência é um conceito que pode ser lido de dupla maneira: ao referir-se à vida de alguém num período de tempo, e pode também expressar uma situação de passagem ou “caminhada” coletiva, de um povo ou um grupo, tal como se testemunha do termo alemão Erfahrung em Benjamin (1985b,c)

(para uma discussão pormenorizada da história do conceito na filosofia euro-americana, ver JAY, 2005).

É central para o entrevistado na pesquisa que as empresas permaneçam oferecendo empregos a jovens rurais, mantenham suas atividades no raio possível de contratação e deslocamento e que deem condições para as pessoas morarem no campo. Ao final, portanto, o desenvolvimento se estabelece com presença de empresas, sejam agroindustriais ou industriais (que geram externalidades positivas para o setor de serviços, tais como cargos de motoristas, telefonistas, transportadores de produtos e outros). É preciso notar, também, que a agricultura é residual; ela não desaparece porque está vinculada à alimentação e à forma de viver no campo, no qual quase sempre se pode cultivar e criar algo para comer. É, ao seu ver, uma forma de alimentação saudável, pois é produzida pelas próprias famílias e potencialmente sem uso de agrotóxicos. O passado rural entroniza-se nesse futuro sonhado e já parcialmente vivido, e, enquanto espaço de vida, não é residual.

Ainda no trecho anterior – bem como o próximo –, porém, destaca-se expressivamente a questão do desenvolvimento em relação à educação. Nisso também reside sua forma de compreender o que se articula ao desenvolvimento: algo que não visa a outra coisa que não o progresso.

[Pesquisador] – Como o senhor vê essas opções de trabalho fora da agricultura que os jovens têm e [que permitem] continuar residindo na área rural do município?

– Os jovens são, hoje, bem mais cultos do que nós éramos. Eles têm uma visão bem mais ampla de mundo do que nós temos. Como é difícil de conseguir emprego, eles procuram se manter no interior, e, ao mesmo tempo, conseguir um emprego. Porque ele se mantendo no interior o custo de vida é bem mais baixo. Aí ele procura terra aqui, terreno, e constrói, e como nós hoje temos linhas de ônibus constantes... existem hoje 7 linhas de ônibus de operários que passam de manhã e voltam de noite. Esse jovem consegue um emprego fixo na fábrica de calçado e fábrica de móveis. Tem bastante, hoje, aqui, logo ali em Santa Teresinha e mesmo em Barão. Ele se sustenta basicamente com a fábrica, com o trabalho de operário e, ao mesmo tempo, ele ganha um extra, pois antes da noite ele tem tempo para trabalhar em casa. Se ele for para a zona urbana os custos vão ser bem mais altos, o salário vai ser o mesmo; então ele se mantém aqui por causa disso. É isso que está trazendo um pouco de progresso, de novo, para nós. Então ele é operário; às vezes ele é operário duplo, que tem empresas aqui que trabalham de noite, então ele vai e trabalha da meia-noite até as seis da manhã, volta e dorme e à tarde ele se torna empregado de novo para dobrar o salário. Então, ele está melhor do que nós, ele tem opções para buscar, e, ao mesmo tempo, ele continua produzindo, pouco, mas produz para a alimentação. [...] Mas normalmente as famílias são assim: dois ou três trabalham na agricultura e dois ou três trabalham como empregados, como operários de empresas maiores. Não temos nenhuma empresa aqui [na própria comunidade], mas ao nosso redor existem 20 ou 30 empresas que são próximas (Ronei, entrevista).

Novamente aparece a alusão de que cultura e educação estão articuladas, e de que não ter conhecimento formal igualmente é um problema de cultura. Cultura pode ser equiparada a uma escala progressiva, o que seria um caso de, digamos, um modo cultural de entender a própria cultura, tal como se percebe a seguir.

Já há uma cultura bem mais de nível. Os primeiros jovens que se formaram quando eu fui professor deles, hoje são jovens que me superam com tranquilidade. A cultura deles é superior à minha, bem mais atualizada, mesmo que eu continue fazendo cursos, continue tendo contatos universitários permanentes, seja o diretor da escola, onde a gente sempre

busca atualização constante, mas esses jovens me superam. Inclusive os meus filhos me superam. [...]. E graças a Deus essa juventude compreendeu que vivendo aqui é muito melhor do que eles estarem indo para as favelas da cidade, onde está sendo muito difícil (Ronei, entrevista).

O progresso envolve necessariamente a educação, segundo lemos supra, e cultura e educação podem se confundir. Se em páginas anteriores testemunhamos as gerações passadas e seus feitos, agora vemos as gerações mais jovens “em outro patamar”, segundo Ronei. Isto é como um processo inescapável, embora não automático, uma vez que esforço, trabalho, dedicação coletiva ao mundo comum e iniciativas individuais são fundamentais em sua visão. A ideia de que as vindouras gerações superam as pregressas é muito sugestiva acerca de um modo de entender o mundo a partir dos princípios de progresso e desenvolvimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento de que o desenvolvimento é um processo imanente e inerente à experiência humana é central para o entrevistado em questão, pois o progresso é incessantemente buscado e, ao mesmo tempo, vivido como algo necessário e inescapável, mesmo que ele precise de correções de rumo, intenções claras das pessoas e esforços coletivos. Este desenvolvimento, porém, como um desdobrar de acontecimentos, pode ser interpretado como diminuto em efeitos quando comparado ao princípio de construção do desenvolvimento: este, de fato, é relevante, pois é realizado na articulação de desejos internos à comunidade e com atores externos que detêm a capacidade de transformação econômica. Torna-se salvação da economia num mundo em que concorrência, crises econômicas e instabilidades são comuns. Assim, por esta razão mesma é que o desenvolvimento, enquanto um esforço frequente e direcionado a fins desejados, precisa se manter na prática das pessoas. De toda a forma, pode-se afirmar que investimentos de grande importância escapam do controle local.

Tal problemática, então, mostra a capacidade de os processos de desenvolvimento serem transformadores em profundidade, expressando poder ao, eventualmente, destruir modos de vida e relações, isto é, opera como uma máquina poderosa de desconstrução e reconstrução do mundo (FREITAS, 2019).

Pandian (2008) observou, em sua investigação na Índia, a concepção local de que a natureza humana necessita de atitudes de governo para se tornar paulatinamente melhor. No estudo aqui em questão não parece ser a natureza humana, mas a comunidade e a região, e o desenvolvimento é a maneira fundamental de organizar as metas e os pontos de chegada desejados. O relato sobre a importância do desenvolvimento sugere o quão difícil é para o entrevistado entender o mundo sem se reportar à linguagem do progresso.

O engajamento ético na comunidade não se realiza, neste caso, por um processo pedagógico intencional na forma de um programa de desenvolvimento ou em capacitações específicas para uma finalidade realizado por agentes externos. Aspectos pedagógicos são relatados de maneira a organizá-los como parte da vida, de uma biografia, e, curiosamente no caso de Ronei, a educação formal e difusa se tornou parte de sua maneira de agir enquanto pedagogo também. O engajamento ético da personagem nunca foi necessário ou determinado, e, como escreveu Agamben (2005), somente pode existir ética e política quando se abre um hiato entre voz e linguagem, língua e discurso, não havendo articulação natural entre eles, e isto dá ao humano a potência de agir e não agir.

Ao relatar a si mesmo, Ronei demonstrou que a narrativa sobre si próprio encontra limites a respeito da autonomia do indivíduo: compreendemos isto ao observar os momentos em que não se pode falar de si sem remeter aos outros, às gerações familiares anteriores, às memórias e ao que é construído socialmente para o futuro. Então, falar de si é um processo de desdobrar relacionamentos e lugares de fala, estabilizar o sujeito, historicizar o mundo privado e, simultaneamente, o público, o individual e o coletivo. De um lado, a personagem no retrato exposto ofereceu diferentes ângulos a respeito de sua vida e enquanto indivíduo que organiza suas intenções e seus projetos de vida; de outro, desenhou os contornos das relações hierárquicas e de interação nas quais se percebe que fala dos outros para dar conta de si.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Infância e história*. Destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- AGAMBEN, G. *O uso dos corpos*. São Paulo: Boitempo, 2017. (Homo Sacer IV, 2).
- ASSIS, R. V. Disposições, hábitos e provas: as sociologias do indivíduo de Bernard Lahire, Jean-Claude Kaufmann e Danilo Martuccelli. *Civitas*, v. 21, n. 1, p. 59-70, 2021.
- BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e literatura: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985a. p. 36-49. (Obras escolhidas, v. 1).
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e literatura: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985c. p. 114-119. (Obras escolhidas, v. 1).
- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e literatura: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985b. p. 197-221. (Obras escolhidas, v. 1).
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BUTLER, J. *A vida psíquica do poder*. Teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CAMARGO, A.; DANIEL, C. Estudos sociais da quantificação e suas implicações na sociologia. *Sociologias*, v. 23, n. 56, p. 42-81, 2021.
- CORTEZE, D. P. Ulisses foi para América. *Zero Hora*, Porto Alegre, 21 maio 2005. Segundo Caderno, p. 6.
- COSTA, L.; SANTOS, Y. O “relato de vida” como método das ciências sociais. Entrevista com Daniel Bertaux. *Tempo Social*, v. 32, n. 1, p. 319-346, 2020.
- CRAPANZANO, V. *Tuhami, a portrait of a Moroccan*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- DAWSEY, J. Piscadela das caveiras: escatologia do Jardim das Flores. *Tempo Social*, v. 19, n. 2, p. 179-202, 2007.
- DE VRIES, P. Comunidad y desarrollo en los Andes peruanos: una crítica etnográfica al programa de modernidad/colonialidad. *Sociologias*, v. 15, n. 33, 2013.
- DE VRIES, P. Vanishing mediators: enjoyment as a political factor in western Mexico. *American Ethnologist*, v. 29, n. 4, p. 901-927, 2002.
- DOSSE, F. História e psicanálise: genealogia de uma relação. In: DOSSE, F. *História e ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2004. p. 63-113.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, N. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ESPOSITO, R. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003.
- FARINA, G. *História de Veranópolis*. Veranópolis: Smec, 1992.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1998. (Vol. 2: o uso dos prazeres).
- FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*. Curso dado no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território, população*. Curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FREITAS, G. R. *Colonialidade, desenvolvimento e resistência subalterna: a instalação de projetos de infraestrutura de grande escala em São José do Norte*. 2019. Tese (Doutorado) – UFRGS, PPG Sociologia, 2019.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- GRIMSHAW, A. Telling stories, screening lives: notes towards an anthropological biography. *Social Anthropology*, v. 28, n. 1, p. 168-183, 2020.
- GUICHARD, E.; CONCHA, V.; HENRIQUEZ, G.; CAVALLI, S.; D'EPINAY, C. Reconstrucción subjetiva del curso de la vida en Chile. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 75, n. 4, p. 617-646, 2013.
- JAY, M. *Songs of experience*. Modern American and European variations on a universal theme. Berkeley; London: University of California Press, 2005.
- LAHIRE, B. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LEAL, O. F. *Os gaúchos*. Cultura e identidade masculinas no Pampa. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2021.
- LEPENIES, P. The Anthropocene: the invention of linear perspective as a decisive moment in the emergence of a geological age of mankind. *European Review*, v. 26, n. 4, p. 583-599, 2018.
- LEWIS, D. "Big D" and "little d": two types of twenty-first century development? *Third World Quarterly*, v. 40, n. 11, p. 1.957-1.975, 2019.
- LONG, N. *Development sociology: actor perspectives*. London: Routledge, 2001.
- MENDRAS, H. *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSSE, D. *Cultivating development: an ethnography of aid policy and practice*. Nova York: Pluto Press, 2005.
- OCHS, E.; CAPPS, L. Narrating the self. *Annual Review of Anthropology*, v. 25, p. 19-43, 1996.
- OLIVIER DE SARDAN, J.-P. *Anthropologie et développement: essai en socio-anthropologie du changement social*. Paris: Apad; Karthala. 1995.
- PANDIAN, A. Devoted to development: moral progress, ethical work, and divine favor in south India. *Anthropological Theory*, v. 8, n. 2, p. 159-179, 2008.
- PAREDES PEÑAFIEL, A.; RADOMSKY, G. "Água é vida": política, memória e experiência nos conflitos em torno da mineração em Cajamarca, Peru. *Revista de Antropologia (USP)*, v. 64, n. 1: e184476, 2021.
- RAUD, C. *Indústria, território e meio-ambiente no Brasil: perspectiva da industrialização descentralizada a partir da análise da experiência catarinense*. Florianópolis: Editora da UFSC; Blumenau: Editora da Furb, 1999.
- ROSE, N. Inventando nossos eus. In: SILVA, T. T. (org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.
- SANTOS, H.; OLIVEIRA, P.; SUSIN, P. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira. Revisão e perspectivas. *Civitas*, v. 14, n. 2, p. 359-382, 2014.
- SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- THOMAS, A. Development as practice in a liberal capitalist world. *Journal of International Development*, n. 12, p. 773-787, 2000.
- TURNER, V. Dewey, Dilthey, and drama: an essay in the anthropology of experience. In: TURNER, V.; BRUNER, E. (Ed.) *The anthropology of experience*. Urbana: University of Illinois Press, 1986. p. 33-44.
- VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP; Ed. 34, 2013.
- WATANABE, C. Development as pedagogy: On becoming good models in Japan and Myanmar. *American Ethnologist*, v. 44, n. 4, p. 591-602, 2017.

Todo conteúdo da Revista Desenvolvimento em Questão está  
sob Licença Creative Commons CC – By 4.0